

Cariocas trabalham mais para ganhar o mesmo

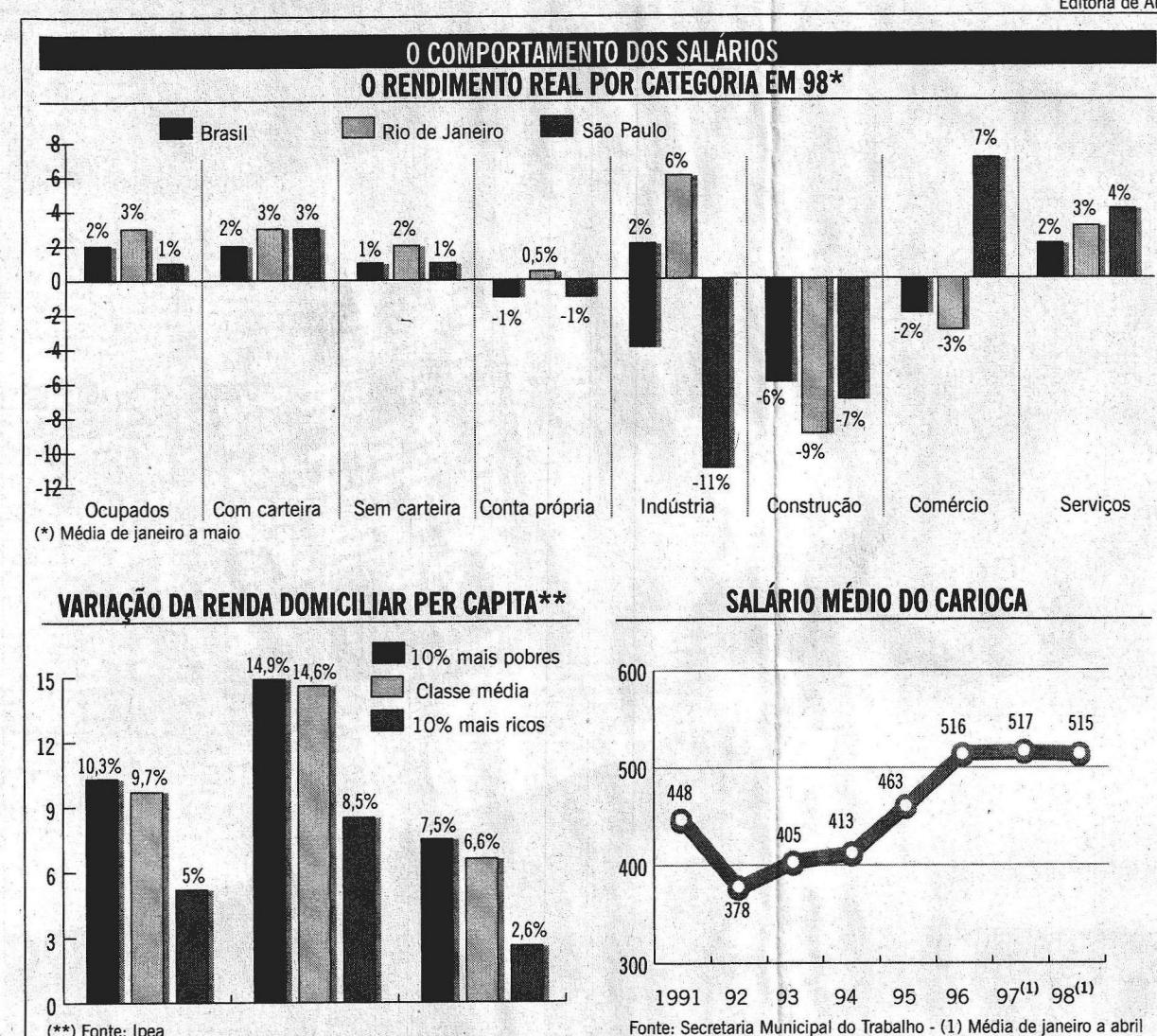
Pesquisa do IBGE mostra que explosão dos ganhos salariais provocada pelo Real acabou, com efeitos sobretudo no Rio

Flávia Oliveira

• Em 1995, auge da febre consumista do pós-Real, a professora Sílvia Sobreira chegou a ter 15 alunos freqüentando suas aulas de percepção musical. Na época, ela se deu ao luxo de viver exclusivamente das aulas particulares, que lhe garantiam uma renda mensal de R\$ 2 mil. Hoje, Sílvia tem apenas quatro alunos e, para manter rendimento idêntico, passou a lecionar para grupos e ensaiar corais. Trabalha mais para ganhar o mesmo. E não está sozinha. O taxista Priscilo da Silva Persequino roda 250 quilômetros numa jornada diária de 14 horas para levar para casa os mesmos cem reais de três anos atrás.

Renda dos autônomos cresceu só 0,5% de janeiro a maio

A jornada adicional de trabalho incorporada por esses dois prestadores de serviços reflete a redução da renda real dos trabalhadores brasileiros. E, particularmente, cariocas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a explosão de ganhos salariais, que teve início com o Plano Real, cessou. Entre 95 e 96, o rendimento médio dos cariocas subiu 27% acima da inflação. No ano passado, a taxa de crescimento foi de apenas 3%. E, nos primeiros cinco meses de 98, acumula avanço de 3% em relação ao mesmo período de 97, mas o mês de maio — com as comissões do comércio por causa do Dia das Mães distorce o resultado. Dados da Secretaria Especial de Trabalho do município do Rio, por exemplo, apontam queda de 0,4% no rendimento dos trabalhadores na cidade até abril em comparação com o mesmo período do ano passado. Os trabalhadores por conta



própria são os que mais sentem a reversão de tendência. No biênio 95/96, houve ganho de 41%; em 97, de 3%. De janeiro a maio deste ano, o rendimento dos autônomos cresceu apenas 0,5%.

— Hoje trabalho muito mais para não ficar no prejuízo. O movimento caiu muito. Todos os colegas estão passando por isso — diz Persequino, da Sul-Táxi.

O IBGE já começa a detectar queda real na remuneração de alguns setores, o que não acontecia

desde 93. Nos primeiros cinco meses de 98, os empregados em construção civil no Rio amargam redução real de 9%. No comércio, os salários estão caindo 3% em relação a 97.

— A redução da atividade e o aumento da taxa de desemprego estão provocando queda nos rendimentos. As variações positivas só ocorreram por conta da dispensa de pessoas com salários menores — diz Shyrlene Ramos de Souza, do setor de Análise e

Conjuntura do IBGE, explicando que esse fenômeno distorce a média salarial.

Rio poderá enfrentar o mesmo ciclo por que passou São Paulo

O economista Marcelo Neri, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), prevê que o Rio pode estar entrando num ciclo semelhante ao enfrentado, nos dois últimos anos, por São Paulo. Lá, a abertura da economia forçou a reestruturação da indús-

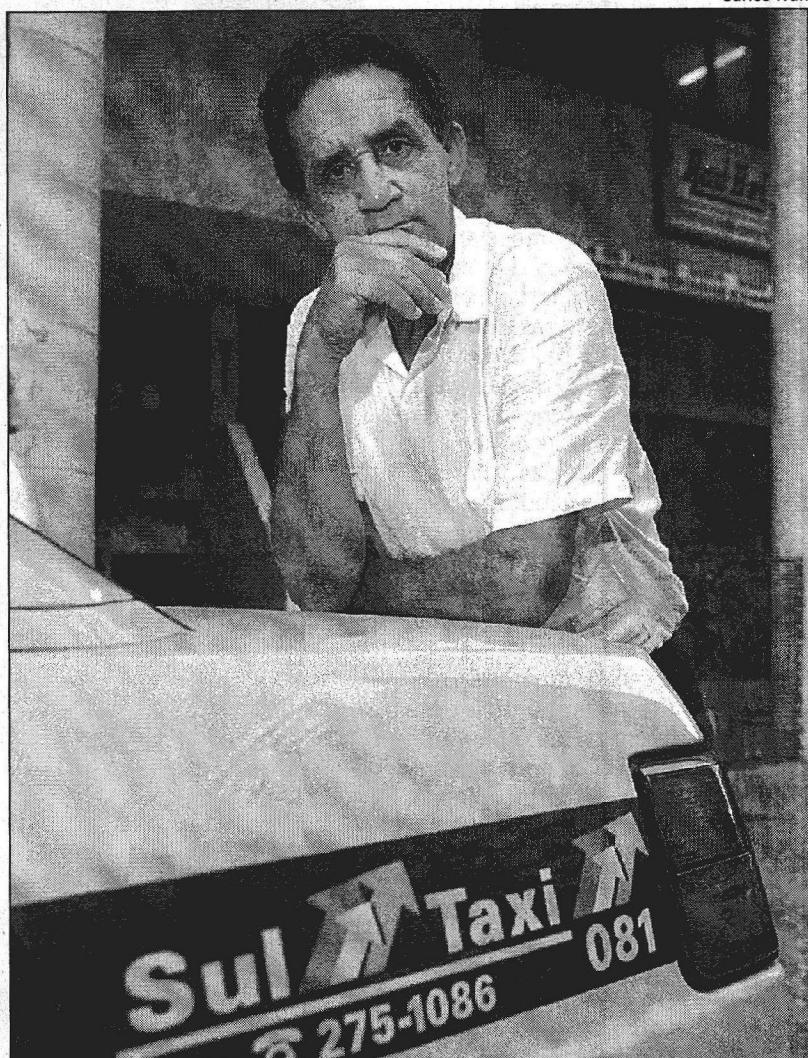
tria, que trouxe desemprego e salários menores.

Esse quadro mudaria completamente o que vem acontecendo até agora. No Rio, a renda cresceu graças ao comércio e aos serviços. Em trabalho inédito, Neri mostra que, entre o período de 1994 a 1997, os ganhos de renda dos trabalhadores do Rio foram muito superiores aos de São Paulo. E também ganharam da média das seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE. Fosse pe-

lo comportamento da indústria e o resultado não seria o mesmo.

Renda dos mais pobres cresceu 14,9% no período

O economista trabalhou com o conceito de renda domiciliar *per capita* (soma dos salários dividida pelo número de moradores, inclusive menores de idade e os sem renda). No Rio, nesses três anos, os 10% mais pobres viram sua renda média subir 14,9% ao ano. ■



O TAXISTA PRISCILo Persequino: jornada de 14 horas para ganhar o mesmo